



No Museu Nacional de Arte Antiga mostra-se o culto mariano plasmado em diferentes tempos por alguns dos melhores artistas italianos incluídos nas coleções da Santa Sé

“Virgem com Menino”, 1603-1605, de Orazio Gentileschi. Foto Governatore of the Vatican City State — Vatican Museums

MADONNA — TESOUROS DOS MUSEUS DO VATICANO
Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa, até 10 de setembro

simplesmente maria

Fra Angelico, Ghirlandaio, Rafael, Van Dyck. Os nomes impressionam. Ainda que “**MADONNA — TESOUROS DOS MUSEUS DO VATICANO**” não seja uma exposição particularmente grande, é uma grande exposição mesmo quando as obras mais significativas pertencem igualmente a nomes menos sonantes.

O Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA) fez coincidir o centenário das aparições de Fátima e a visita do Papa Francisco com a inauguração de uma exposição composta por mais de 70 obras provenientes dos Museus do Vaticano, com especial proeminência para a sua Pinacoteca a que se juntam algumas obras de instituições romanas, como a Galeria Borghese e a Galeria Nacional de Arte Antiga do Palácio Corsini.

Comissariada por Alessandra Rodolfo, dos museus do Vaticano, e por José Alberto Seabra Carvalho, diretor-adjunto do MNAA, “Tesouros do Vaticano” não é apenas uma muito significativa reunião de obras artísticas de importantes pintores de diferentes épocas, é um olhar historicamente transversal sobre a figura central da Virgem Maria no catolicismo e um panorama do gosto do alto clero em matéria de pintura e de arte sacra ao longo de séculos.



Predela do retábulo dos Oddi, 1503, de Rafael. Foto Governatore of the Vatican City State — Vatican Museums

O que veio a Lisboa foi uma amostra de várias tipologias iconográficas da virgem e as suas abordagens visuais num período que se estende por quase dez séculos, sobretudo depois de o culto passar de uma devoção popular a culto oficial, promovido pela hierarquia da Igreja, no que tem particular relevo o Concílio de Éfeso (431) que atribuiu à Virgem o estatuto de Theotokos, “mãe de Deus”. Nesse

e noutros momentos, a representação da Virgem Maria vai sendo enriquecida e diversificada iconograficamente, acompanhando a reflexão teológica de cada época histórica e as imagens pertencentes às coleções dão conta quer da evolução do tratamento concedido às diferentes etapas da vida da mãe de Cristo quer ao modo como cada tempo vai interpretando o seu lugar na economia religiosa do cristianismo.

É igualmente interessante perceber através desta mostra como o Vaticano, no início do século XIX, esteve na vanguarda da institucionalização museológica, entendida como um espaço de preservação de memória e identidade e um importante e eficaz instrumento de evangelização.



"Adoração dos Magos", c. 1580-1590, de Jacopo e Domenico Tintoretto. FOTO MNAAPaulo Alexandrino

O espólio existente hoje é, porém, menos significativo do que aquele que existia antes da invasão napoleónica no início do século XIX, cujos saques arrancaram do património dos territórios da Igreja obras de Rafael e Caravaggio, ou referências da escultura clássica como o "Apolo" de Belvedere ou o grupo de Laocoonte.

A representação da Virgem vai sendo enriquecida e diversificada iconograficamente, acompanhando a reflexão teológica de cada época

Embora tenha sido posteriormente restituída, a perda conjuntural desta última obra foi sentida particularmente já que ela está na origem da própria aventura museológica vaticana. Foi em 1506 que o famoso grupo escultórico foi descoberto enterrado numa vinha do Monte Ópio e dali haveria de seguir para o pátio de esculturas do Papa Júlio II, abrindo caminho para a Ariadne e as grandes estátuas

do Nilo e do Tibre. Transitando várias vezes de espaços e ganhando diferentes organizações de acordo com as condições de autonomia do Vaticano e a sensibilidade estética dos diferentes Papas, esse processo de definição museológica ganha uma expressão particularmente moderna com o impulso de Clemente XIV e a criação de três novos museus (Pio Clementino, Chiaramonti e Braccio Nuovo) destinados à tutela de antiguidades e ao estancamento das exportações.



“Virgem dos Flagelantes”, c. 1350,
de Vitale da Bologna. FOTO Governatore of
the Vatican City State — Vatican Museums

Um momento é, porém, decisivo nesta história: a criação da Pinacoteca, em 1929 (logo a seguir ao Tratado de Latrão que passou a regular a soberania da Santa Sé), que viria a albergar a coleção de pintura do Vaticano e que é hoje a casa de alguns dos seus maiores tesouros artísticos.

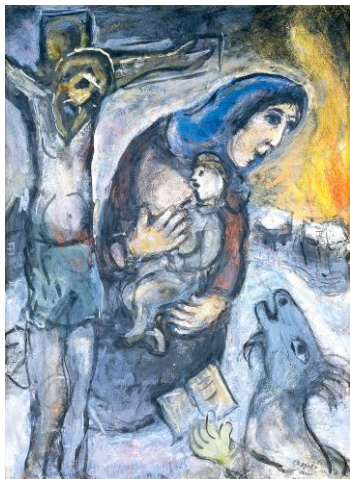
Na variedade e riqueza das suas presenças, a exposição das Janelas Verdes conta um pouco desta história. Duas peças balizam a exposição de Lisboa: os têxteis dos séculos VIII-IX e a pintura “O Crucifixo (entre deus e o diabo)”, de 1943, de Marc Chagall, e entre elas instala-se um arco temporal, uma sucessão de estilos e maneiras e uma variedade de objetos artísticos assinaláveis que cobre a produção dos primitivos, do Renascimento e do Barroco e vem até à modernidade.

“Rapariga lavando os pés a uma criança, estudo separado das nádegas da criança”, s.d., de Leonardo Da Vinci. FOTO João Lima/Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto



Entre outros objetos, mostram-se fragmentos de sarcófagos, tapeçarias, códices iluminados, desenhos, pinturas e esculturas atravessadas pela imagem da divina maternidade, provenientes dos principais centros de produção artística da Itália, como Siena, Bolonha, Florença ou Roma.

Algumas obras impressionam pela sua evidente qualidade ao longo de um percurso que segue o da própria Pinacoteca. É o caso da “Virgem dos Flagelantes”, obra de Vitale da Bologna, considerado o mais importante dos pintores da escola de Bolonha da primeira metade do século XIV; da austeridade sintética espacial pré-renascentista dos sienenses Sano di Pietro e Taddeo di Bartolo ou o misticismo gótico de Gentile da Fabriano e Fra Angelico. Outras obras são mesmo emblemáticas dos períodos de que provêm ou de transformações estilísticas assinaláveis, como a “Virgem do Parapeito”, de Pinturicchio (c. 1490) com a sua insólita disposição iconográfica; a pequena “Natividade”, de Ghirlandaio (c. 1492), que acusa um gosto arcaizante tipicamente florentino; ou a predela do retábulo dos Oddi (1503), de Rafael, e suas dinâmicas relações entre espaços e personagens. Este caminho prolonga-se por obras do Renascimento e do Barroco italianos (Francesco Salviati, Pietro da Cortona, Federico Barocci) a que se junta o caravaggesco Orazio Gentileschi com uma “Virgem com Menino” de vívido naturalismo (1603-1605); ou o flamengo Antoon van Dyck (aqui com uma “Virgem da Palha” de atmosfera fluida e de preceitos iconográficos pós-tridentinos).



“O Crucifixo (entre deus e o diabo)”, 1943, de Marc Chagall.
FOTO Governatore of the Vatican City State — Vatican Museums

Acompanhando as pinturas e assinalando a dimensão difusa do culto mariano, encontramos exemplos maiores das artes ‘menores’ nos tecidos do Extremo Oriente em que se inscrevem cenas da Anunciação e da Natividade (séculos VIII-IX); no precioso pluvial em Opus anglicanum do século XIII ou nas tapeçarias da oficina flamenga de Pieter van Aelst, habitual executor das tapeçarias concebidas por Rafael.

A mostra completa-se com um conjunto de obras de artistas italianos provenientes de coleções e museus portugueses, com importante destaque para os desenhos pertencentes ao próprio MNAA (Perugino, Leonardo, Ricciolini, entre outros) ou obras bem escolhidas como a “Adoração dos Magos” de Jacopo e Domenico Tintoretto (Mosteiro de São Bento de Singeverga, Santo Tirso).

Se é verdade que a coleção de pintura hoje pertencente à Pinacoteca não é fruto de uma atitude colecionista sistemática nem de encomenda papal organizada, antes resultando de aquisições pontuais, legados, doações e reconversões no seio da própria Igreja (em 1773, por exemplo, recebeu cerca de 50 quadros em resultado da extinção da Companhia de Jesus), bem como do gosto naturalmente diverso de cada ocupante da cadeira de São Pedro, é igualmente certo que também essa descontinuidade se pode ver como um índice histórico das preferências estéticas das elites eclesiásticas ao longo dos séculos. Isto, é claro, além do intrínseco valor artístico de muitas das suas obras.

CELSO MARTINS. É crítico de artes plásticas do Jornal *Expresso* e professor de História e teoria da arte na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha.

Jornal *Expresso. Revista* nº 2330 (23/07/2017)

amar o que se vê

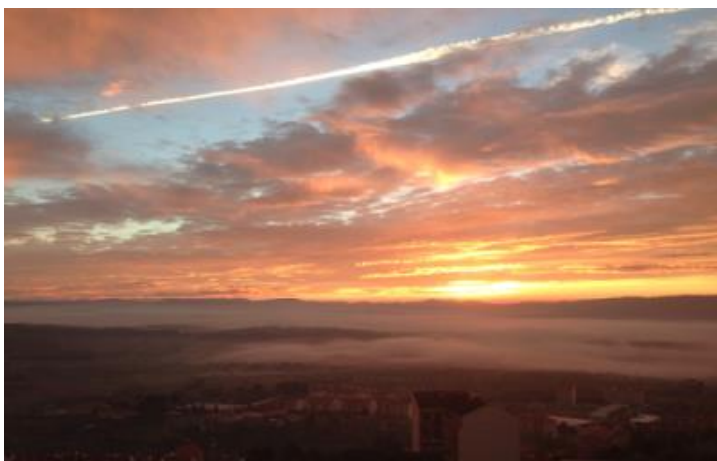


Foto de Fernando Paulouro Neves

Todos os dias, como fazia o personagem de Paul Auster, que tinha o curioso hábito de fotografar a sua rua a diversas horas, em diferentes estações, ano após ano, descubro coisas novas no horizonte vastíssimo que se desdobra ao meu olhar. Todos os dias. Na amplitude da paisagem, às vezes é o despertar do sol numa claridade doirada, outras são mares de névoas que nos fazem imaginar navios fantasmáticos; não faltam, também, cores de campos ao sabor das quatro estações, da melancolia outonal, com os seus matizes em lenta combustão, ao descarnado agreste do Inverno, com os ramos nus estendidos para o céu, ou à exuberância primaveril e ao zénite solar do Verão fazendo adivinhar os "campos de palha rasa" e a "matinal restolhada dos pardais".

Nem sequer é preciso, como ao senhor Auggie, o tal personagem de Auster, revelar as fotos. A objectiva do olhar é que descodifica esses instantes, que são surpreendentes e, por isso, fascinam. Saber olhar, é a receita para essa fábrica de sonhos. De cada vez que olho, lá estão emoções que a surpresa abre à rotina dos dias.

Há muitos anos, escrevi um texto em louvor do olhar que gostaria de partilhar, agora, com os meus leitores. Era uma prosa imediata, uma crónica que publiquei nos idos do "Jornal do Fundão", e dizia o seguinte:

Nos seus passeios de fim de tarde, à beira mar, no exílio, Manuel Teixeira Gomes reencontrava-se com a vida. Enchia os olhos de mar e céu azul, respirava a brisa marítima que porventura lhe lembrava a pátria distante, e murmurava:

- Mais um dia. Este momento já ninguém mo tira!

Teixeira Gomes, escritor de grande sensibilidade, também aí, nesse seu dizer breve, nos ensinava a ver o mundo com outros olhos. A capacidade de amar as coisas belas da vida, no seu fluir temporal, deve ser a nossa descoberta de todos os dias, penso eu também. Descobrir então o deslumbramento daquele castanheiro da Índia que alguém prendeu um dia a este chão, daquela folha que balança ao sabor do vento, daquela rua que o sol de fim de tarde torna diferente.

Pensava em tudo isto, num destes dias de Outono, quando olhava a explosão de luz nos verdes e amarelos da Gardunha, que fazem lembrar o cromatismo de misturas de Van Gogh. Alain, que ensinava a buscar o tempo da felicidade, tinha razão quando dizia que a verdadeira riqueza dos espectáculos, está no detalhe: ver é procurar detalhes, parar um pouco em cada um, e, de novo, agarrar o conjunto num olhar. Pequenos momentos, mas às vezes instantes essenciais, que ajudam a superar o cinzentismo do espaço e as horas vazias em que nos movemos.

É esse respirar do tempo, esse horizonte de beleza a habitar, que Vinicius nos propõe quando inventa "uma música que seja como o ponto de reunião de muitas vozes em busca de uma harmonia nova". Às vezes, basta saber olhar. E amar o que se vê.

Fernando Paulouro Neves. Jornalista

<http://www.fernandopaulouro.com/2016/11/amar-o-que-se-ve.html>